

«O MOSCARDO E OUTRAS HISTÓRIAS» DE JOÃO RICARDO LOPES

O Moscardo e outras histórias é um conjunto de 86 histórias escritas por João Ricardo Lopes que, depois da poesia e da crónica, ousou criar pequenos contos.

Confesso que pouco conhecia da obra de João Ricardo Lopes, apenas o que ele próprio publicava nas redes sociais e que já me despertava algum interesse. Pesquisei e fiquei deveras rendida, não só pelo número de publicações encontradas, mas também pela diversidade: poesia, crónica, conto.

De tudo o que li o que mais me fascinou foi a profundidade dos seus poemas e das suas histórias.

Como diz Saramago: “É preciso sair da ilha para ver a ilha. Não nos vemos se não sairmos de nós.”

De facto, é precisamente o que faz João Ricardo Lopes, escritor erudito, minucioso, exímio que aproveita o gosto (ousa dizer prazer) de viajar, para observar o mundo, transpondo para a sua escrita cada lugar, cada nome, cada rosto, cada gesto... cada pormenor.

O Moscardo e outras histórias é uma obra composta por narrativas curtas, breves e, por vezes, aparentemente absurdas, uma vez que, quando a história nos começa a despertar interesse, acaba.

O leitor fica um pouco confuso, mas é aqui que entra a interação pretendida pelo autor, isto é, sacudir o leitor, provocá-lo, despertá-lo da leitura fácil, banal e levá-lo para o mundo da interpretação, da análise, da tomada de ilações que o levarão a um outro nível.

Um nível mais profundo, exigindo uma cuidada atenção ao pormenor para a construção do sentido, ou não. Este absurdo do *nonsense* com sentido, sentido esse que passa por cada leitor, por cada olhar atento, espreitando ou “mergulhando” em

situações do quotidiano, com tudo o que isso implica, desde vivências, ilusões, sonhos, ou até mesmo incertezas, deceções.

O autor interage com o leitor conduzindo-o por caminhos obscuros, satíricos, alertando-o para um mundo coberto de diferenças, indiferenças, de injustiças, de contradições.

Ao leitor exige-se uma redobrada atenção se quiser acompanhar o autor nas reflexões, no destrinçar do sentido, na descoberta do enigma, no desvendar, ou mesmo, no continuar de cada conto.

Como referiu o Artur Ferreira Coimbra no texto “Da poesia para a crónica”, o autor “gosta de observar, sentir de perto a natureza humana, pela pulsão da escrita”.

Então, a leitura desta obra torna-se imprescindível pela riqueza e excecionalidade da sua índole.

Escola Secundária de Fafe, 28 de novembro de 2019

Sara Freitas